

Estratégia eleitoral

Os senhores não consideram um tanto ingênuo, como estratégia política, se dividirem em torno de uma lista tão grande de candidatos, pulverizando sua força eleitoral?

José Sampaio — A organização do patronato é muito diferente da organização dos trabalhadores. Os bancários, por exemplo, têm um leque muito duplo de posições políticas. Portanto, é uma grande responsabilidade da diretoria assumir um determinado candidato. Susceptibilidades seriam arranhadas.

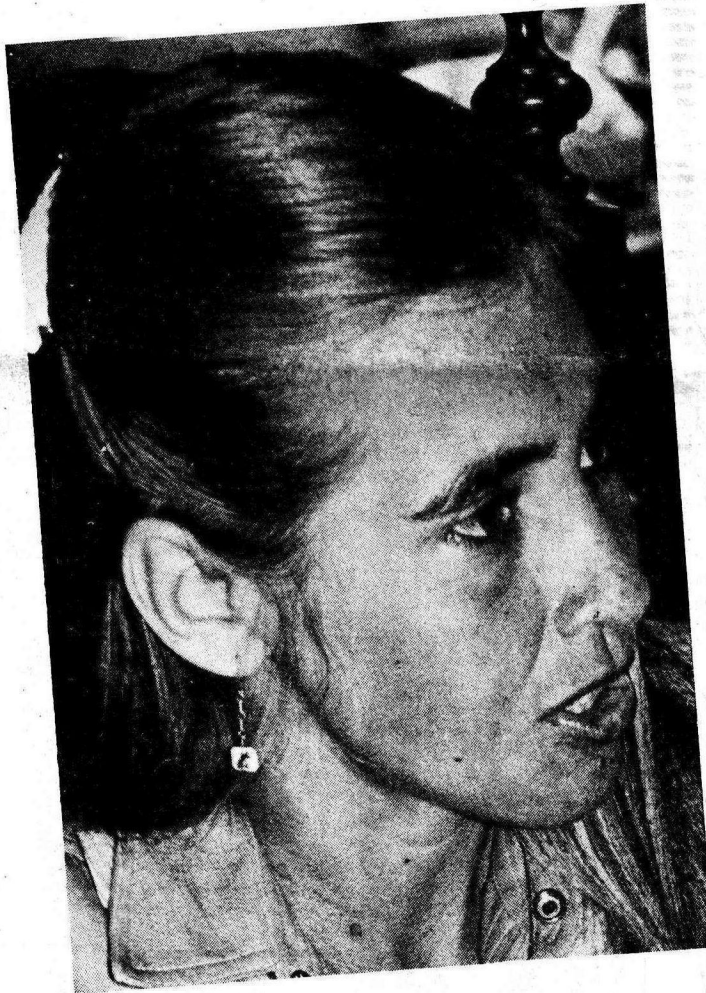
Pode até parecer uma ingenuidade defender candidaturas desta maneira, mas achamos que os trabalhadores devam votar nestes candidatos. O poder econômico está jogando pesado. É uma luta desigual. E a gente não tem como — a não ser através de um trabalho efetivo dos militantes, das diretorias, dos dirigentes sindicais nesse sentido — defender os interesses dos trabalhadores, a não ser através de pessoas realmente comprometidas com a classe.

Maria José — A ingenuidade talvez seja a diferença entre a classe patronal e a classe trabalhadora. A classe patronal é ideologicamente direcionada num só sentido: a manutenção dos seus privilégios. Já a classe trabalhadora tem uma ideologia diferente, e dentro de um sindicato administram-se idéias diferentes. Embora a categoria tenha uma direção, há um espectro de posições, e diante disto a entidade sindical tem que estar acima das divergências para administrá-las democraticamente.

Hoje, a classe patronal joga pesado na campanha, desde os outdoors até o corpo-a-corpo nas cidades-satélites. Embora nós reconheçamos que esse tipo de tentativa de esclarecer a classe trabalhadora é débil, sabemos também que é a nossa única arma.

Carlos Max — No caso dos jornalistas, a heterogeneidade da categoria não permite ao sindicato assumir a defesa de uma candidatura, mesmo que ela seja a mais coerente. Um exemplo deste apartidarismo é que o Sindicato de Jornalistas não tomou partido da CUT nem da CGT, exatamente porque não existe dentro da categoria uma maioria a favor da CUT ou da CGT. No caso das candidaturas de jornalistas — e pelo menos uns oito ou dez jornalistas são candidatos —, o sindicato optou por tentar, na medida do possível, esclarecer o seu eleitorado para votar naqueles que estiveram engajados nas lutas pelas melhores condições de melhoria de vida, contra a ditadura etc.

Moisés José — A categoria de trabalhadores, como todos já mencionaram, é muito heterogênea, e fica realmente difícil para a diretoria assumir um candidato sem realizar uma grande assembléia. O Sindicato da Administração Escolar, por exemplo, realizou um encontro da categoria nesse fim de semana para tentar provocar essa discussão. E a categoria disse não. Não aceitou a indicação de nomes. Fica claro, então, que o papel do sindicato é de esclarecer a categoria para que as pessoas votem em quem vá, efetivamente, defender os seus interesses.



“A classe patronal é direcionada num só sentido. Já a classe trabalhadora tem ideologia diferente e o sindicato administra idéias diversas”

Maria José



“Acho que estamos em claro retrocesso em termos de leis. O que unifica a classe trabalhadora são as lutas por melhores salários e condições”

Lúcia Carvalho



“O meu sindicato teria cerca de 30 mil votos. Poderíamos, portanto, até bancar um candidato. Mas, repito, a categoria é muito heterogênea; existem pessoas de poder aquisitivo muito baixo, que acabam se vendendo por meras condições”

Moisés José



“Fatalmente a Constituinte será conservadora. Os trabalhadores que não tiverem poder de pressão devem torcer para não haver retrocessos”

Carlos Max Torres